



Abreu, Mayara Caroline Sousa de ¹
Castro, Maria Célia Dias de ²

INTER-RELAÇÕES DE LÍNGUA E MEIO AMBIENTE: UM ESTUDO DA ETNOBOTÂNICA DO CERRADO.

Resumo: A planta é um dos elementos da natureza com que primeiro estabelecemos contato, e o reino vegetal ocupa um lugar de destaque entre as representações que inspiram símbolos verbais (BERTRÁN, 2014). O ato de nomear estas plantas lança luz a aspectos que denotam a relação intrínseca entre língua e meio ambiente, bem como o modo com que o ser humano interage com este ambiente ao qual pertence. Com um olhar ecolinguístico ao léxico fitonímico, este trabalho objetiva demonstrar as relações entre língua e meio ambiente que se refletem nos nomes das plantas predominantes do Cerrado balsense, sobretudo no ato de nomeá-las. Analisando alguns desses nomes, nota-se que o processo de denominação tem o aspecto sensorial e cognitivo como fontes principais, verificando-se que há uma tendência conceitual metafórica/metonímica no ato de nomeação destas plantas. Também se percebe que a condição que liga planta e nomeador ainda se pauta em relações de uso, denotando uma forte tendência antropocêntrica. O estudo apoia-se na Teoria Ecolinguística (HAUGEN, 1972; COUTO, 2007), na Semântica (LAKOFF; JHONSON, 2002; NENOKI DO COUTO, 2012; ARAÚJO, 2014) e na Etnobotânica (AMOROZO, 1996). A pesquisa possui abordagem qualitativa e ecometodológica. O trabalho resulta de algo maior que é a pesquisa de extensão Léxico Fitonímico no âmbito do Projeto “Laudato Si” de reflorestamento do Cerrado do município de Balsas, uma prática pedagógica que ajudou no reflorestamento local por meio do plantio de mudas nativas e também contribuiu com a confecção da monografia da autora e responsável pela execução do projeto, realizado no primeiro semestre de 2022.

Palavras-chave: Léxico; ecolinguística; meio ambiente.

tional action promote knowledge within the unit with a view to meeting international patient safety goals, which covers patient identification.

Keywords: : Patient Safety; Neonatal Intensive Care Units; Nursing Team.

¹ Pesquisadora egressa do departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Balsas. Atua nas áreas da linguística, meio ambiente e estudos culturais. E-mail: m.carolineab@gmail.com

² Doutora em Letras e Linguística (UFG). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Balsas. Pesquisadora FAPEMA. E-mail: celialeitecastro@hotmail.com

1 DESCOBRINDO A PAISAGEM

A humanidade relaciona-se e interage comunicativamente a fim de expressar e fundamentar posicionamentos, descrever o mundo exterior e manifestar pontos de vista. Esta produção de sentidos se dá por meio da língua(gem), ao se utilizar códigos e expressões de uma língua em contextos de interação comunicativa. Estes atos de interação são projeções que emergem do meio ambiente (MA), no qual o ser humano emprega a linguagem para falar de si e desse meio.

O processo de nomeação é responsável pela consolidação da existência das coisas no mundo, ou seja, o falante faz uso do léxico para perceber as coisas no mundo e para tomar consciência do mundo à sua volta. O uso do léxico no processo denominativo torna-se o responsável por atribuir uma identidade ao elemento nomeado, ou seja, o nome rompe com o anonimato no qual vive a entidade antes de ser denominada. A língua é, assim, um dos elementos responsáveis por categorizar as coisas no mundo. Sapir (1969) afirma que é por meio da linguagem que se evidencia a relação triádica entre ela, o pensamento e a cultura.

Sapir (apud COUTO, 2016, p. 37) assevera que a “[...] língua sofre materialmente a influência do quadro ambiental em que se acham os seus falantes”, mas isto não quer dizer que as dinâmicas da língua sejam induzidas meramente por fatores ambientais. Para Sapir (1969), o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuarem sobre ele as forças sociais, e isso significa que a língua não está isolada e independente; ela é energia de reprodução humana e emerge no MA a partir da associação linguagem/homem em seus atos de interação; a língua é ação.

Considerando o pano de fundo e o contexto em que a pesquisa se dá – um cenário de crise ecológica e degradação am-

biental em que o desmatamento tem acometido uma gama de espécies vegetais –, é possível afirmar que as ações contra e em defesa do meio ambiente também se realizam via linguagem, numa inter-relação direta que envolve o povo habitador de uma região e a linguagem que é utilizada nas interações verbais dos falantes deste território, por representar linguisticamente as coisas do mundo.

Tendo em vista as reflexões supracitadas, focalizando as articulações Povo-Língua-Território, este trabalho objetiva verificar os fenômenos da língua que regem a dinâmica da comunidade com o meio ambiente, em especial o léxico fitonímico. Os partícipes desta pesquisa foram os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma comunidade escolar do município de Balsas, e o corpus de análise é a fitonímia representativa do Cerrado balsense. Olhando-se para a língua como interação e reflexo das percepções humanas, surgiu o seguinte questionamento: Que relações entre seres humanos e natureza são expressas na língua, notadamente nos fitônimos, no que se refere aos aspectos lexicossemânticos? A hipótese é de que as motivações léxicas que subjazem essas denominações fitonímicas têm origem no sensorial, ou seja, nos afetos gerados pelo homem por meio da interação com o meio ambiente em que jazem essas plantas.

O propósito é focalizar as seguintes inter-relações temáticas: ecolinguística, léxico e fitonímia, o que suscita o objetivo geral de analisar os fenômenos refletidos na língua, que regem a dinâmica das interações da comunidade com o meio ambiente físico, notadamente organismo-organismo e organismo-mundo, percebendo e identificando as possíveis motivações que subjazem o processo de lexicalização dos fitônimos representativos do Cerrado balsense.

A partir dessa discussão, pode-se garantir que a língua, em especial o fitôni-

mo, objeto de nossa análise, reflete todo um quadro antropocultural da relação homem e mundo, e o meio ambiente também reflete as designações fitonímicas. Deste modo, concebe-se o ato de nomear como um processo biopsicossocial, pois está intrinsecamente ligado ao domínio natural, mental e social. Por fim, o percurso metodológico desta pesquisa foi guiado pela ecometodologia, uma abordagem multimetodológica de caráter holístico e interdisciplinar que abrange diversas áreas do conhecimento e tem por premissa possibilitar visões diferentes para os fenômenos da linguagem. A pesquisa, portanto, é qualitativa e de cunho ecometodológico (visão multilateral indutiva e dedutiva), por se afastar de radicalização e polarização no entendimento e visão dos fatos.

2 APARATOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Em relação aos estudos da natureza e do verbo no contexto da linguística, a Ecolinguística é o campo que traz reflexões a fim de explicar o porquê de meio ambiente e língua serem fatores indissociáveis. Vê-se em Couto (2013, 2015, 2016) que basicamente ela é o estudo das inter-relações entre língua e meio ambiente e que se pauta, sobretudo, em uma perspectiva ecológica.

Ecolinguisticamente, a língua é a interação propriamente dita (COUTO, 2007); ela exprime as percepções da comunidade por intermédio do léxico e sua semântica, integra os seres a partir da observação do mundo, e, para falar dele (Idem, 2013), transita no âmbito natural, mental e social. O léxico da língua, de acordo com Sapir (1884-1939 apud COUTO, 2016, p. 38), é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social da comunidade. Observando tais apontamentos de língua como interação e fenômeno biopsicossocial, investiga-se, nas interações humanas, o modo como se manifesta a comunicação nas comunidades de

língua, considerando uma recíproca entre o existir humano e o existir da linguagem.

O conceito fundamental da Ecolinguística é o ecossistema. O ecossistema linguístico, em linhas gerais e conforme Couto (2007), corresponde ao que a linguagem comum denomina comunidade. Neste sentido, a língua, por também ser vista de uma ótica holística, possui, pelo menos, quatro domínios: o ecossistema natural da língua, o mental e o social, e o quarto seria uma fusão entre os três domínios, que vem a formar o ecossistema integral da língua.

Couto (2010) assinala que para que haja uma língua (L) é necessário que exista um povo (P) que faça uso dessa língua e contribua para a sua formação. O povo precisa habitar e conviver em um determinado território (T). Não obstante, “[...] a ecolinguística que praticamos é assim chamada porque tudo nela emerge do ecossistema e imerge nele. Isso representa uma reviravolta total em nossa visão dos fenômenos da linguagem” (COUTO, 2015, p. 18); daí nascem as articulações língua-povo-território, pilares de formação do ecossistema linguístico.

Com um olhar ecolinguístico ao ato de nomear, faz-se necessário discorrer acerca do processo que dá vida ao léxico. De acordo com Barreto (2012, p. 408), “a lexicalização refere-se à adoção de um determinado termo pelo léxico de uma língua, como uma formação usual, constitucionalizada”. No que se refere à dinâmica processual, “o processo de lexicalização começa a partir do momento em que determinado nome é socialmente aceito, ou seja, antes da criação de determinado item lexical, por exemplo, é necessário que haja um compartilhamento” (REIS, 2019, p. 101). Para Couto (2007, p. 138), “semantizar é o mesmo que coletivizar-se, comunitarizar-se, e receber um rótulo (lexicalizar-se)”.

Considerando o processo de lexicalização, que parte dos meios ambientes, os estudos léxico-semânticos, no âmbito da

Ecolinguística, debruçam-se na investigação dos modos como P capta o real, cria sentido e realiza a representação. Vê-se, no processo de lexicalização, que essas projeções emanam no cérebro dos falantes por meio dos aspectos do MA, e a partir do compartilhamento com outros membros se dá a significação (ou ressignificação). A ecologia semântica do léxico – a ecossemântica – parte do conceito de significação como processo cognitivo e dialético, pois perpassa o imaginário e o social dos membros do P, direcionando suas visões de mundo.

A fitonímia pode revelar nitidamente essa relação de conceptualização com a transposição de significados em processos mentais, e o fitônimo “bolsa-de-pastor” é um interessante exemplo. Neste sentido, a perspectiva conceptual de Lakoff e Johnson (2002) é um interessante mecanismo que nos leva a compreender alguns aspectos linguísticos da fitonímia do Cerrado. De acordo com os autores, as metáforas são elementos fundamentais de um sistema conceptual humano – naturalmente metafórico – e trabalham na base formadora de conceitos linguísticos e cognitivos. Conforme Couto (2007), o processo de nomeação das plantas passa primeiro pela percepção, ou seja, pelo contato do homem com a planta. Após isso há a identificação e o compartilhamento com os membros da comunidade. Vê-se que a dinâmica da nomeação parte do sensorial até a lexicalização e o estabelecimento do nome/conceito.

Estudar a fitonímia que circunda o biótopo (habitat) se torna importante para o indivíduo conhecer o ambiente onde vive e também para resgatar sua cultura popular e científica, uma vez que o meio ambiente faz parte da vida de todos, e conhecer do que é constituído esse meio ambiente é também compreender a identidade dos que ali habitam. Em vista disso, a Etnobotânica é o campo de estudo que se ocupará em compreender tais relações para além do domínio físico e atingir as abstrações mediante os

significados que se refletem na linguagem. Todo o desenvolvimento é contextualizado nas inter-relações de L e MA, via comunidade. Nesta abordagem pode-se mostrar, então, como as diferentes comunidades classificam e nomeiam o mundo físico/natural (NENOKI DO COUTO; ARAÚJO, 2013).

Justificados os campos de estudo que sustentam a discussão, vejamos os processos metodológicos desta análise. A pesquisa é qualitativa porque trabalha com um conjunto de significados, inspirações e motivações, tendo como foco o visível, o ecológico, o lexical, em uma teia de interações (MINAYO, 2001). Quanto aos procedimentos, foram usados meios bibliográficos e documentais, além da pesquisa de campo. As categorias de análise (etimológica, ecossemântica e etnobotânica) consideradas na pesquisa são agregadas ao que denominamos Ecosistema Integral da Língua (mental, social e natural), uma vez que foram pensadas considerando a relação Povo-Língua-Território (PLT).

A discussão dos dados, portanto, foi intermediada por dois processos:

- a análise lexical: descrição etimológica e ecossemântica;
- o conhecimento popular dos partícipes: etnobotânica.

A análise do léxico foi desenvolvida, a priori, com a catalogação dos dados (nomes populares/língua de origem) em seus aspectos onomasiológicos e pela interpretação léxico-semântica dos fitônimos, com base na semântica cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 2002) e na semântica lexical (NENOKI DO COUTO; ARAÚJO, 2013), a fim de identificar as motivações lexicais que subjazem a nomeação desse léxico. A sistematização dos dados do catálogo foi feita, primeiramente, com a descrição etimológica dos fitônimos. Para tal, utilizou-se das definições contidas em Houaiss (2007), Ferreira (2009), Machado (2003), Sampaio (1987) e Cunha (2010), verdadeiros repositórios dos signos e significados léxicos da língua por-

tuguesa. Foram elencados os nomes científicos dos fitônimos, além da descrição etnobotânica, ou seja, o conhecimento popular dos alunos sobre as plantas.

Por fim, desenvolveu-se uma análise etnobotânica a partir das informações contidas no corpus. As bases categóricas para a análise etnobotânica estão contidas nos estudos de Amorozo (1996). De acordo com a autora, a Etnobotânica configura-se como a área dedicada aos “estudos do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal” (p. 48). No que se refere aos métodos etnobotânicos, a autora assevera que os estudos abrangem tanto os aspectos classificatórios que certa comunidade atribui às plantas quanto, também, os usos que dá a elas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Observar os estratos etimológicos dos quais os fitônimos são oriundos é refletir acerca das influências antropoculturais que circundam esse léxico; é perceber as influências linguísticas das etnias originárias que fundaram nosso país e o território sul maranhense. Dos 25 fitônimos catalogados, 19 pertencem ao tronco linguístico tupi, 2 são de origem árabe, 2 de origem latina e 2 de origem obscura.

Quadro 1 – Levantamento fitonímico com etimologia e categorias etnobotânicas

FITÔNIMO	ORIGEM	USO
1. Alecrim	Do árabe al-iklīl	Medicinal
2. Amendoim-forrageiro	Do tupi mandu'wi	Alimentação
3. Algodão-bravo	Do árabe al-qutún	Medicinal
4. Assa-peixe	Do latim assāre e picis	Medicinal

FITÔNIMO	ORIGEM	USO
5. Angico	Do tupi an-jyca	Medicinal
6. Bacaba	Do tupi ïwa'kawa.	Alimentação
7. Bacuri	Do tupi ïwa-ku'ri	Alimentação
8. Bolsa-de-pastor	Origem obscura	Medicinal
9. Babaçu	Do tupi ïwa-gwa'su	Alimentação
10. Buriti	Do tupi mbiri'ti'	Alimentação/ Medicinal
11. Cagaita	Origem obscura	Alimentação/ Medicinal
12. Cajá	Do tupi aka'ya	Alimentação
13. Caju	Do tupi aka'yu	Alimentação
14. Candeia	Do latim candéla, ae	Artesanal/ Medicinal
15. Cipó	Do tupi isĩ'po	Artesanal
16. Jatobá	Do tupi ye-ti'wa	Alimentação/ Medicinal
17. Juçara	Do tupi yi'sara	Alimentação
18. Jurema	Do tupi Yu-r-ema	Medicinal
19. Manga-beira	Do tupi ma'ngawa'	Alimentação/ Medicinal
20. Sumaúma	Do tupi su-ma'uma	Medicinal
21. Taboca	Do tupi taboca	Artesanal
22. Pequi	Do tupi pe'ki	Alimentação/ Medicinal
23. Pindoba	Do tupi pi'ndowa'	Alimentação/ Artesanal
24. Sambaíba	Do tupi samba'ïwa	Medicinal
25. Sucupira	Do tupi suku'pira	Medicinal

Fonte: Elaborado pela autora.

Juntamente com a língua fez-se interessante destacar a estrutura morfológica

geral destes fitônimos. Com base no que estabelecem os estudos onomasiológicos, a estrutura destes termos classifica-se em simples, composta e híbrida. No levantamento, apenas duas estruturas foram encontradas: a simples, que é a de maior recorrência, formada por apenas um elemento formante; e a composta, em menor evidência, que é constituída por dois formantes de uma mesma língua (latim + latim). Dos 25 fitônimos levantados, 21 possuem estrutura simples e 4 composta.

Nos dados foram encontrados fitônimos de origem indígena inspirados no visual: babaçu (*Orbignya phalerata*), “do tupi *iuaua’su <i’ua ‘fruto’ + üa’su ‘grande’>” (CUNHA, 2010, p. 74); palatal: bacaba (*Oenocarpus bacaba*) do tupi ïwa’kawa. “corr. Ybá-caba, a fruta oleosa ou gorda” (SAMPAIO, 1987, p. 203); e tato: juçara (*Euterpe edulis*) do tupi yï’sara, “adj. o espinhoso, ou espinhento. Como sub., yú-çara, o espinho ligador, ou a agulha. Os espinhos da palmeira deste nome serviam de agulha aos índios. A coceira” (SAMPAIO, 1987, p. 270).

O que aciona a inter-relação concepção-lexicalização emerge da cosmovisão. Assim, “tal parece ser, na verdade, o espírito que deve ter presidido à denominação botânica aborígine, quer pela sua universalidade em área tão extensa, como pela sua notável força de expressão” (GARCIA, 1962, p. 426). Por conseguinte, é conveniente mencionar que o interesse dos habitantes sertanejos pela fauna e flora não se atrela somente aos lampejos do apetite (LÉVI-STRAUSS, 1989). Conforme o mesmo autor “[...] as espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas” (p. 25).

Ao refletir acerca do objeto de estudo etnobotânico, vejamos alguns dados sistematizados. Quanto às categorias etnobotânicas que apareceram na coluna USO, foram em número de três: “medicinal”, “alimentação” e “artesanal”. As categorias et-

nobotânicas que se destacaram foram as espécies “alimentícias” e “medicinais”. A categoria “medicinal” apresenta uma forte relação positiva com a idade do informante, fato que não ocorre, por exemplo, na categoria alimentar, na qual a maior parte dos jovens já domina o conhecimento daquilo que é “comestível” (AMOROZO, 1996).

A seguir apresenta-se alguns dados referentes aos interactantes.

ALUNO 1:

Nome da planta	Uso	Coleta
Pequi	“para fazer azeite”	meus avós
Alecrim	“para fazer remédio”	meu avô
Tucum	“para beber a água”	eu na chapada
Pitomba	“para comer”	meus tios
Bacaba	“para comer”	eu mesmo na roça

ALUNO 2:

Nome da planta	Uso	Coleta
Caju	“serve para fazer suco”	eu
Mangabeira	“serve para o sangue”	minha mãe
Cagaita	“serve para comer e fazer remédio pro estômago”	meu pai
Bacuri	“serve para fazer polpa; para fazer suco”	meu pai

As espécies introduzidas apresentam um percentual de origem bem espontâneo da vegetação local, sendo as frutíferas/medicinais as mais frequentes na comunidade. Dentre as principais espécies encontram-se: buriti (*Astrocaryum buriti*), pequi (*Caryocar brasiliense*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*), bacuri (*Platonia esculenta*) e caju (*Anacardium occidentale*). É perceptível que o saber etnobotânico se mantém vivo na culinária (plantas indicadas para a alimentação, como o buriti e o caju). A menção feita à mangabeira demonstra os detalhes do conhecimento sobre a planta. Nesse caso, para alimentação (fruto) e para dor de barriga (medicinal). Este resultado revela que os interactantes percebem a utilida-

de das árvores frutíferas. Vê-se, também, como esses saberes modificam-se e se reciclam em concomitância. Como o caso do pequi, que foi citado “para fazer azeite” pelo Aluno A, tendo o auxílio dos avós. Nota-se que “assim é transmitido transgeracionalmente o saber ordinário, normal, necessário àquele grupo social, para que se perpetue como tal (AMOROZO, 1996, p. 55).

No que se refere à conceptualização semântica dos fitônimos do Cerrado sul-maranhense, ressalta-se, a princípio, que “O léxico é o componente da língua que mais diretamente tem a ver com o meio ambiente da comunidade, isto é, as unidades lexicais revelam as experiências dos falantes com o mundo e a interação entre os pares por meio dos significados que carregam as palavras” (ARAÚJO, 2014, p. 123).

Tomemos como exemplo o termo “Alecrim” (*Baccharis dracunculifolia*), que vem do árabe *al-iklīl* e significa “coroa”, realeza. Além deste nome, ele também recebe o nome paralelo ou alônimo de “Alecrim dourado”. Há o “Capim-dourado”, espécie que vai adquirindo uma cor amarelada e é visto e comparado pelo homem com as coisas que rodeiam seu mundo perceptual e cultural, neste caso a cor do ouro “dourado”. É nas impressões da vida psíquica humana que se estabelecem as relações organismo-organismo e organismo-mundo, por vias linguísticas.

Percebe-se que os interactantes associam uma coisa – o Alecrim e o Capim – a outra já existente no MA físico – o ouro – para elaborar, via cognição (MA mental), a expressão denominativa. Este processo é denominado metáfora, ou seja, toma-se uma coisa pela outra, como afirmam Lakoff e Johnson (2002). Para os autores, as metáforas fundam não apenas nossa linguagem, como também o pensamento e a ação, bem como fazem parte de nosso sistema conceptual. Ecolinguisticamente, a língua é ação entre interactantes que parte dos conceitos/perceptos para o seio da comunicação.

Em Lakoff e Johnson (2002, p. 46) vê-se que os conceitos (que são, em grande parte, metafóricos) “estruturam o que percebemos, como nos adaptamos ao mundo e como nos relacionamos com outras pessoas”. Dessa maneira, quando dada comunidade nomeia uma planta como “Capim-ouro”, por exemplo, tem-se uma tentativa intersubjetiva de atuar na crença – nesse caso cultural e capital – do outro e promover uma valorização desta espécie de capim. Processo semelhante acontece com “Capim-santo” e “Capim-cidreira”, cuja atuação designatória pretende, mediante a crença religiosa/cosmovisão, enfatizar a ação de cura destas plantas.

Processo semelhante acontece com o fitônimo “Assa-peixe” (*Vernonanthura polyanthes*), que tem sua estrutura conceitual formada no léxico etnobotânico inspirado em animais. Neste caso, a metáfora estrutura-se internamente por meio do que Fauconnier (1997) denominou de processo de mesclagem conceptual, isto é, a nomeação do fitônimo foi concebida pela mistura de diferentes domínios conceptuais. Deste modo, o fenômeno metafórico pressupõe não apenas a experiência sensorial do interactante com a planta; ele prevê, também, uma experiência com os animais, quer pela fisionomia ou pelas propriedades/funcionalidades. De acordo com Fauconnier e Turner (1996), a mesclagem conceptual é o mecanismo implícito na construção de sentidos derivados da mesma fonte. Assim, “a mesclagem conceptual é uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos sentidos” (FERRARI, 2011, p. 20). No sentido de nomear fitônimos, conforme a reflexão do autor a atividade cognitiva deve estar presente no processo de percepção, uma vez que é por meio desta que se dá a multidimensionalidade de interpretação como uma descrição de afetos sobre algo.

Outro processo perceptual/conceptual de denominar as plantas é percebido nos

¹Essa expressão virou meme por causa da música com esse nome, que diz que a planta (alecrim) nasce sozinha no campo, sem ser semeada, por isso é perfeita. No meme é usada como ironia para uma pessoa que se acha exclusiva, única, “a tal”.

termos denominativos “Amendoim-forrageiro” (*Arachis pintoi*) e “Candeia” (*Eremanthus erythropappus*). “Amendoim-forrageiro” porta o traço semântico de uma planta – o amendoimzeiro – que é bastante utilizado para forragem do solo por sua boa qualidade para fixação de substâncias, como o nitrogênio, e por possuir boa tolerância ao sombreamento. Dessa forma, a denominação da planta – o fitônimo – porta uma relação que foi estabelecida entre a planta e o solo em que é plantada; uma relação associativa de contiguidade conhecida como metonímica. “Candeia” é uma denominação que estabelece uma relação de contiguidade entre a planta e a cor que produz o antigo elemento chamado “candeia”, que produz uma luz de cor amarelo-avermelhada. Outra associação da candeia enquanto conceito e planta é o próprio formato da árvore que se assemelha ao objeto candeia, estabelecendo, então, uma semelhança metafórica pelo visual. Pode-se afirmar, nesse sentido, que as dinâmicas conceptuais de criação do fitônimo se dão por processos metafóricos/metonímicos.

Nos dados semânticos, apresentados ao longo desta pesquisa, o sensorial mostrou-se a partir dos sentidos visão, paladar e tato. Quando pensamos nesses recursos naturais vem à tona um formato, cor (visão), um gosto (paladar) e uma textura (tato), mas não um som. Os interactantes nomeiam os fitônimos, então, com base em alguns desses aspectos. Em “Cagaita” (*Eugenia dysenterica*) o nome se dá com base no sentido fisiológico; o termo não possui denominação etimológica precisa (origem obscura), no entanto sua denominação, em termos morfossemânticos, faz jus à característica etnobotânica da planta, que possui efeito laxante e purgativo. O nome “Cagaita” deriva de cagar – verbo; “defecar”. Isso mostra-se com mais nitidez ao observar o nome científico do fitônimo, que, muitas vezes, não tem nenhuma correspondência com o nome popular. No caso de Cagaita (Euge-

nia dysenterica), o termo latino *dysenterica* significa, literalmente, disenteria. Vê-se que o nome da planta parte, primeiramente, de uma motivação sensorial. Morfologicamente, o nome dado à planta é um substantivo, mas semanticamente tem traços verbais.

Sinteticamente compreende-se que a motivação externa corresponde ao mundo (MA físico), à percepção sensível, ao interactante (MA mental) e à experiência no compartilhamento na sociedade (MA social). É a inter-relação entre tais dimensões que possibilita o surgimento tanto do fitônimo quanto de seu próprio significado. A unidade léxico-semântica pode ser indissociável ou adaptável a depender do contexto de interação (ARAÚJO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Como exposto nas discussões, o processo de nomear diz muito sobre as relações entre humano-língua-meio ambiente e sobre a forma como os MAs físico, mental e social se interligam. Neste sentido, percebeu-se que os interactantes nomeiam aos fitônimos com base em suas experiências (biopsicossociais) no mundo, o que acarreta, por vezes, palavras que se configuram como expressões metafóricas. O léxico etnobotânico que compõe os dados pressupõe a existência de uma relação ecossistêmica entre conceito e percepto; eles refletem-se em nossos pensamentos (MA mental) e se consolidam na língua (MA social), que é interação; – a interação organismo-organismo e organismo-mundo nos atos de interação comunicativa. Desse modo, fica perceptível, nesta análise, que os fitônimos recebem, por diversas vezes, nomes em que os significados se associam ao reino animal, às próprias propriedades medicinais das plantas e, sobretudo, aos sentidos.

No que se refere ao conhecimento etnobotânico, boa parte dos fitônimos elencados pelos interactantes tiveram como fonte o próprio mundo dos sentidos e suas peculiaridades.

ridades sensoriais. Nesse ínterim, “a memória de cada indivíduo não é um armazém de pensamentos ou um arquivo de impressões sensíveis memorizadas, pois os conceitos são dinâmicos” (BIDERMAN, 1998, p. 90); isto nota-se nos diferentes graus de conhecimento botânico dos interactantes, mesmo que as motivações fitonímicas agreguem os mesmos aspectos, como o formato, o tamanho, a aparência das folhas e dos caules, por exemplo. Cada interactante apreendeu um significado distinto sobre um mesmo conceito.

Enxerga-se que há uma base, uma raiz na cultura, nos saberes, que se mantém presente na essência da coletividade. Constatata-se, contudo, que as novas gerações estão inseridas numa realidade contemporânea que lhes exige uma compreensão, por isso percebe-se que alguns interactantes necessitaram da ajuda de familiares para identificar a planta e sua finalidade.

Com base na observação e na problematização dos dados obtidos, a verdade é que as inter-relações organismo-mundo (natural) reveladas também se pautam na utilidade da natureza para fins de subsistência humana. Evidenciou-se, assim, que a relação é ainda predominantemente antropocêntrica; muito raramente ela é movida por razões morais que reconhecem nas plantas e até nos animais um valor intrínseco, desvinculado de interesses humanos.

Neste sentido, é necessário despertar para uma visão biocêntrica e considerar todas as formas vivas com valor intrínseco; “devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo” (KRENAK, 2019, p. 69). É preciso que desperte no ser humano uma ecosensibilidade (TOLEDO, 2020) e que ela seja difundida por todas as camadas sociais, sobretudo no que se refere ao paradigma científico hegemonicamente objetificador.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Unesp, 1996.
- ARAÚJO, G. P. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Brasília, 2014.
- BARRETO, T. **Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?** Linguística histórica, história das línguas e outras histórias [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- BERTRÁN, Antonio Pamies. Provérbios fitonímicos e plantas proverbiais. In: SILVA, S. (ed.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Campinas, 2014. Vol. II.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Filologia e lingüística portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.
- COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, n. 10, v. 1, p. 125-152, 2010. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v10i1.9286>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, n. 14, v. 1, p. 275-312, 2013. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v14i1.22250>. Acesso em: 9 out. 2022.
- COUTO, Hildo Honório. **Linguística ecossistêmica. Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/issue/view/918>. Acesso em: 7 jul. 2022.
- COUTO, Hildo. Honório et al. **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contem-**

- porâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Faperj, 2010.
- FAUCONNIER, G. **Mappingsin thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a Central Process of Grammar. In: GOLDBERG, A. (ed.). **Conceptual Structure and Discourse**. Stanford: CSLI Publications, 1996.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **Conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Fundação Dorina Nowill Para Cegos, 2009.
- GARCIA, Rozendo Sampaio. Considerações sobre a fitonímia tupí-guaraní registrada no primeiro século da Conquista. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo: Museu Paulista, Nova Série, v. XIII, p. 425-432, 1961-1962.
- HAUGEN, Einar. **The ecology of language**. Stanford: Stanford University, 1972. p. 325-339.
- HOUAISS, A. **dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Dicionário Eletrônico, 2007.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papirus, 1989.
- MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte; Confluência, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NENOKI DO COUTO, E. N. **Ecolinguística e imaginário**. Brasília: Thesaurus, 2012.
- NENOKI DO COUTO, E.; ARAÚJO, Gilberto Paulino de. A semântica lexical vista pela ecolinguística. In: COUTO, E. K. N. N. do; ALBUQUERQUE, D. B. de; ARAÚJO, G. P. de. **Da fonologia à ecolinguística**. Brasília Thesaurus, 2013.
- REIS, N. de. P. **Um olhar ecolinguístico para os saberes e as práticas dos “raízes” da cidade de Nova Glória**. 2019. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2019.
- SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. São Paulo: Brasiliana, 1987.
- SAPIR, Edward. **Linguagem e ambiente**. In: SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.
- TOLEDO, Túlio. Perspectivismo ameríndio e natureza. **Revista Sacrilogens**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 33-46, jul./dez. 2020.